



Juventude e Cibermilitância: aspectos e oportunidades da participação política na internet

Shayana Busson*

A partir da década de 1980 no Brasil, nota-se uma ressignificação da tarefa cidadã, política e participativa dos jovens. Nota-se, nesse tempo, que a juventude brasileira passou e tem passado até então a introduzir novos parâmetros teóricos e práticos no que concerne seu comportamento político na sociedade. Emergem, no entanto, em nosso dia a dia, diversos movimentos jovens politizados – que não mais se resumem às organizações partidárias, sindicatos e grêmios estudantis –, bem como as temáticas suscitadas por esses movimentos também não mais se restringem à clássica luta por melhores salários, pelo socialismo, pelo fim de regimes ditatoriais, enfim. De acordo com Carrano e Brenner (2008, p. 1), “os jovens de hoje mantêm a motivação para a participação, porém é um número reduzido que se encontra disposto a fazê-la em espaços tradicionais e institucionalizados [...]”, ou seja, novos contextos de participação e novos sentidos de mobilização social têm surgido no Brasil, demonstrando tendências mais autônomas de jovens na criação de seus próprios mecanismos organizacionais políticos.

Dados do Latinobarômetro (apud MEC/UNESCO, 2007, p. 31) apontam que tais evidências representam graves problemas de gestão ligados à corrupção e falta de transparência das instituições tradicionais, não simplesmente “apatia juvenil”, como se supõe muitas vezes¹. Estruturas como posses



Palestra na Arena Software Livre durante o Campus Party Brasil 2010

Novos contextos de participação e novos sentidos de mobilização social têm surgido no Brasil, demonstrando tendências mais autônomas de jovens na criação de seus próprios mecanismos organizacionais políticos.

de hip hop, coletivos, conselhos, grupos culturais, e ONGs têm configurado as atuais práticas políticas juvenis (NOVAES, 2005). Em termos de conteúdo, abordagens ligadas a gênero, raça, política pública, processos eleitorais, ética, ecologia, direitos sexuais e digitais se fazem mais presentes entre as tendências de engajamento.

Diversos pesquisadores especialistas no tema *juventude e participação política* diagnosticam essa “crítica dos jovens às organizações partidárias, seu desinteresse por formas de representação institucionalizadas e necessidade de maior orientação por temas diferenciados dos temas clássicos”. (CASTRO, VASCONCELOS, 2007, p. 104).

[...] este é um tempo de distopias, ou de utopias datadas e circunscritas a fins imediatos. Ou seja, nestes tempos perderia lugar a figura do militante do movimento estudantil, para alguns autores uma agência que teria perdido o seu papel quer de advocacia de direitos dos estudantes universitários, de representação dos interesses desse grupo, quer de sítio de lutas contra desigualdades sociais, modos de operação da modelagem político-econômica em curso, por justiça e mudanças sociais. (CASTRO; VASCONCELOS, 2007, p. 103).



Ampliando nossa lente, é possível perceber que, no cenário contemporâneo de interferência política da juventude, há até formas não presenciais de luta e participação, como o caso dos aqui identificados ciberpolíticos², que atuam por meio de redes virtuais de emails, grupos de discussão, *Orkut*, *blogs*, *Youtube*, *Messenger* e *sites* em geral.

Em pesquisa realizada na I Conferência Nacional da Juventude no Brasil, evidenciou-se que, entre internautas militantes, as aplicações virtuais mais utilizadas são também as mais democráticas e que permitem um alto grau de exposição, diálogo, interação, pois possuem baixa capacidade de filtragem e seleção de informação por parte dos administradores e dos próprios jovens usuários (ABRAMOVAY; CASTRO, 2009). Para Costa e Avritzer (2004, p. 704), o processo da democracia “deveria penetrar o tecido das relações sociais e da cultura política gestada, a democratização já não é mais o momento de transição, é o processo permanente e nunca inteiramente acabado de concretização da soberania popular”. Portanto, cogitamos que o estabelecimento de fluxos de comunicação lançados na internet por jovens a partir das aplicações mais participativas e interativas existentes, como *e-mail* e *Orkut*, com fins imediatos de interações políticas, estariam validando uma lógica de fomentação da esfera pública que autolegitima a penetração de atores não institucionalizados no processo de participação e, conseqüentemente, de democratização da sociedade e do Estado, demonstrando, com efeito, o desenvolvimento autônomo de manifestações e posicionamentos políticos entre jovens.

Por outras, a aparição de diversos atores políticos e “politizadores” no interior da esfera pública virtual

No cenário contemporâneo de interferência política da juventude, há até formas não presenciais de luta e participação, como o caso dos aqui identificados ciberpolíticos, que atuam por meio de redes virtuais de emails, grupos de discussão.

tem uma maneira que radicaliza ainda mais a participação popular, pois revela a emergência de novos sujeitos “enunciadores” (BRAGA, 2008); aqueles que, antes da internet, eram meros receptores de informações produzidas por rádio e televisão, agora se colocam no domínio da criação e interação de notícias e ideologias, construindo e consumindo culturas, identidades e desidentificações, ampliando políticas e contextos de democracias.

São muitas as formas e oportunidades de participação política na internet e muitas as proposições teóricas nascidas dessa nova conjuntura política e tecnológica. Podemos, no entanto, resumidamente citar o que, em pesquisa, Busson (2009) catalogou como cibermilitância: movimento

como os protestos estudantis na França em 2006 contra a implantação do contrato do primeiro emprego, 5.000 comunidades do *Orkut* ligadas a temas políticos da cidadania sexual, o zapatismo, manifestações contra o G8 em Berlim, a ONG Greenpeace, manifestações contra o governador Arruda do DF, a ocupação da reitoria da USP em 2008, e a ONG Cipó – Rede Sou de Atitude.

As ações e movimentos políticos pesquisados variam em forma, conteúdo e participação, demonstrando a imensa pluralidade de oportunidade gerada por jovens na rede virtual. Com todos esses novos aparatos tecnológicos, o comportamento e conceito de política e participação têm mudado bastante, se não assumidos teoricamente, na prática é possível diagnosticá-los. São movimentos que de fato vêm desarticulando e ressignificando o próprio conceito de participação política. Vejamos.

Em alguns casos, a política *on-line* inverte a estratégia de luta política na circunstância em que os ciberpolíticos geralmente atuam sozinhos, não elegem lideranças e só se encontram no momento mesmo das manifestações. Distinto de partidos e sindicatos



As ações e movimentos políticos pesquisados variam em forma, conteúdo e participação, demonstrando a imensa pluralidade de oportunidade gerada por jovens na rede virtual.



que se consolidam na construção cotidiana de lutas e ideias, a ciberpolítica caracteriza-se, muitas vezes, pelo anonimato, pelo espontaneísmo e por ações interventoras de impacto. Há outros casos em que a internet pode servir como um verdadeiro “teatro de resistência” (ABDEL-MONEIM, 2002), onde adereços, fotos, vídeos, gritos de guerra e entrevistas são disseminados por toda a *web*, retirando, por exemplo, grupos e pessoas do isolamento de regiões distantes e as colocando no centro de um espaço discursivo transnacional.

Por ora, há também investidas que parecem não ter efeito algum, como é o caso da criação de comunidades do *Orkut*, mas que sua expressividade pode estar funcionando como referência na orientação política e

comportamental de jovens, transformando cotidianamente valores e instituições morais (BRAGA, 2008). Muitas vezes, a participação política no *Orkut* é muito baseada na simples filiação e/ou criação de uma comunidade, sem ao menos haver debate dentro delas. Mas por que se inscreveram em comunidades políticas e não em outras categorias de comunidades? A hipótese é que há interesse em se indicar como ligados, como numa espécie de cidadania passiva: filiar-se a uma tendência, a uma comunidade, mas não necessariamente opinar, manifestar-se, o que, reiteramos, reproduz o padrão corrente de “participação” política de muitos, em que apenas consomem-se ideias, se está inteirado de debates, não sendo necessariamente apolítico ou estranho a ela.

O conteúdo político da participação política *on-line* é ilimitado e, muitas vezes, não se prende à ética ou a formalismos. No *Orkut*, comunidades como: “*Roberto Jeferson é o terror*” com 14.927 membros, “*Nosso Aeroporto é 2 de julho*” com 9.639 membros, “*Repúdio à ignorância política*” com 38.301 membros, “*Tenho saudades do lula radical*” com 384 membros evidenciam a mixagem entre ironia e seriedade dos temas políticos tratados. Para alguns estudiosos, a nova política, ou a “nova cultura política”, se manifesta também com práticas que promovem a inversão da imagem convencional de celebridades, marcas ou coisas do gênero, funcionando como a criação de verdadeiras “embalagens políticas”, permissíveis de serem divulgadas mais constantemente pela



Milhares de jovens participam do Campus Party Brasil 2010



Esse exemplo comprova que as ações virtuais podem apresentar consequências políticas reais e que a democracia não deve ser necessariamente “fabricada” a partir do estabelecimento de mais organismos sociais, mas sim que deve ser construída nas formas de convivência, tal como alguns sujeitos, por meio da internet, têm construído.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDEL-MONEIM, SARAH GRUSSING. O Ciborgue Zapatista: tecendo a poética virtual de resistência no Chiapas cibernético. *Rev. Estud. Fem.*, v. 10, n. 1, p. 39-64, jan. 2002.

ABRAMOVAY, Mirian; CASTRO, Mary. **Quebrando Mitos. Juventude, Participação e Políticas**. Brasília: Secretaria Nacional da Juventude, 2009.

AVRITZER, Leonardo; COSTA, Sérgio. Teoria crítica, democracia e esfera pública: concepções e usos na América Latina. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 47, 2004.

BRAGA, Adriana A. **Personas Materno-Eletrônicas: feminilidade e interação no blog Mothern**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008. v. 1.

BUSSON, Shayana. Participação Política da Juventude e Ciberespaço. **Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana**, Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.ritla.org.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=81&dir=DESC&order=name&Itemid=99999999&limit=5&limitstart=40>. Acesso em: 20 nov. 2009.

CARRANO, Paulo; BRENNER, Ana Karina. **Formas e conteúdos da participação de jovens na vida pública**. Rio de Janeiro: Observatório Jovem, 2008. Disponível em: <http://www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=com_content&task=view&id=541&Itemid=23>. Acesso em: 10 de mar. 2009.

CASTRO, Mary G.; VASCONCELOS, Augusto. Juventudes e Participação Política na Contemporaneidade: explorando dados e questionando interpretações. In: ABRAMOVAY; ANDRADE; ESTEVES (Org.). **Coleção Educação para Todos: Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: MEC/UNESCO, 2007.

NOVAES, Regina. **A Juventude de Hoje: (Re) Invenções da Participação Social**. São Paulo: [s. n.], 2005.

REDE SOU de atitude. Disponível em: <<http://www.soudeatitude.org.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2010.

STREET, John; SCOTT, Alan. From Media Politics to E-protest: The use of popular culture and new media in parties and social movements. *Information, Communication & Society*. Londres, v. 3, p. 215-240, jun. 2000.

internet, já que a televisão e o rádio têm todo um escopo formal, e/ou, no mínimo, um compromisso com a fonte das notícias e imagens. (CLARK, HOFFMAN- MARTINOT 1998, MARSHALL 1997, FRANKLIN 1994, SCAMMELL 1995 apud SCOOT; STREET, 2000).

Em mais um exemplo, no *site* da Rede Sou de Atitude (2010), pode-se formar politicamente jovens a distância. Naquele espaço, jovens ajudam outros jovens a entender o ciclo de orçamentos municipais, estaduais e federais, bem como ensinam a buscar estatísticas sobre determinados programas sociais, acompanhar a prestação de contas, combater corrupção, fiscalizar verbas e materiais e, ao final, auxiliam a divulgar o relatório de monitoramento na rede virtual, além de entregá-lo às autoridades específicas da política pública que ele monitorou.

Esse exemplo comprova que as ações virtuais podem apresentar consequências políticas reais e que a democracia não deve ser necessariamente “fabricada” a partir do estabelecimento de mais organismos sociais, mas sim que deve ser construída nas formas de convivência, tal como alguns sujeitos, por meio da internet, têm construído. ●

* SHAYANA BUSSON é licenciada em História, membro do Núcleo de Estudos sobre Juventude, Identidade, Cultura e Cidadania-UCSAL/CNPQ. Email: shayanabs@gmail.com

NOTAS

1 Pesquisa da UNESCO – Juventudes brasileiras – (2004), realizada em âmbito nacional apurou que 27,3% dos jovens brasileiros declararam que participam ou já participaram de alguma organização associativa, o que representa, em termos absolutos, aproximadamente 13 milhões de jovens, distribuídos por ONGs, movimentos sociais, partidos políticos, grupos religiosos, ecológicos, sindicatos, agremiações esportivas, grupos de dança, de música e congêneres. Verifica-se que sobre os tipos de associação aos quais pertencem ou pertenceram, 81,1% indicaram as de caráter religioso, 23,6% as do tipo organizacional (esportiva, ecológica, cultural, artística e assistencial), 18,7% as de caráter corpora-

tivo (trabalhista e estudantil) e 3,3% as de caráter partidário (CASTRO; VASCONCELOS, 2007, p. 88).

2 Dados estatísticos demonstram que, com maior probabilidade, os mais jovens usam mais a internet: entre os de 10 a 14 anos, em nível de Brasil, a proporção de internautas é de 24,4%; entre os de 15 a 17 anos, 34%; entre os de 18 a 19 anos, 32,9%; entre os de 20 a 24 anos, 31,1%; entre os de 25 a 29 anos, 27,1%; entre os de 30 a 39 anos, 21,3% e, a partir dessa faixa etária, proporções bem menores são encontradas em relação a uso da internet (PNAD, 2005).